

# Pessoa para jovens de todas as idades

[Pessoa for young people of all ages]

Patricia Trindade Nakagome\*

PRADO, Lara (2024). *Plural como o universo. Fernando Pessoa fala com adolescentes*. São Paulo: Editora da Ponte. 367 pp. [ISBN:9788569523475].



Um pai presenteia sua filha adolescente com a *Obra poética* de Fernando Pessoa. E assim, sem saber, foi lançada a sementinha que, tempos depois, culminaria no livro aqui resenhado: *Plural como o universo: Fernando Pessoa fala com adolescentes*, publicado em 2024 pela Editora da Ponte.

O encantamento sentido pela jovem Lara Prado aos quinze anos a motivou a tornar-se a organizadora de um belo livro em que trechos da obra pessoana são acompanhados pelas ilustrações de Hermes Ursini. É preciso reforçar uma informação que poderia se perder como mero adjetivo: estamos diante de um belo livro. Esse aspecto não costuma ser destacado numa resenha acadêmica como a nossa, mas não é possível deixar de notar a beleza com que são entrelaçadas palavras e imagens em *Plural como o universo*. Diferentemente de títulos em que predomina o texto escrito, aqui transbordam as cores. Elas estão presentes desde a chamativa capa roxa até as ilustrações que capturam nosso olhar mesmo numa primeira folheada. O livro foi feito para atrair nossa atenção.

A obra de Pessoa poderia não demandar tantos recursos visuais para nos atrair. A envergadura de seu projeto poético já seria suficiente para que quiséssemos nos entregar às suas palavras. A questão, porém, é que o livro de Prado não nos toma como seu público imediato. Ele é voltado para adolescentes. Ele busca atingir leitores que dificilmente chegariam a esta resenha. Nesse sentido, escrever este texto nos leva a pensar naquilo que é necessário para que uma obra de nossa estima ultrapasse os muros acadêmicos e atinja o leitor não especializado, como foi um dia a jovem Lara Prado. O livro organizado por ela deve ser saudado por sua proposição de ampliar o alcance da obra pessoana e, por tal motivo, já merece nossa atenção crítica, nosso esforço de discutir as escolhas estéticas e editoriais assumidas.

O livro traz fotos de Fernando Pessoa e uma breve cronologia ilustrada, que traça um panorama desde o nascimento do autor até os dias de hoje, em que se destaca

---

\* Universidade de Brasília / Departamento de Teoria Literária e Literaturas.

o alcance e permanência da sua obra. Além disso, há algumas cartas que precedem os poemas: a da autora aos leitores, a de Fernando Pessoa a Adolfo Casais Monteiro, a de Álvaro de Campos a Ofélia Queiroz e, por fim, a resposta desta. Essas escolhas revelam como a própria organização do livro mescla realidade e criação literária. Assim, na parte selecionada da carta de Pessoa ao crítico, temos a explicação sobre aquilo que tanto destaca a obra pessoana, o heteronimismo, que estaria relacionado à sua “tendência orgânica e constante para a despersonalização e para a simulação” (34). De tudo o que é mencionado nesse conhecido documento sobre as personalidades e obras de Pessoa, ressaltamos aqui, para melhor dialogar com o livro resenhado, a origem infantil do fenómeno dos heterónimos.

Pessoa relata sua tendência a criar um mundo fictício desde muito jovem, algo que seguiu por sua vida adulta. Essas figuras o acompanham desde que ele se reconhece como “eu” (34), evidenciando como sua constituição é indissociável da existência de tantos outros seres diferentes com quem podia dialogar. Essa chave única da obra pessoana é a grande aposta de Lara Prado para estabelecer um diálogo com adolescentes. Como o poeta tem uma forma singular de lidar com as várias versões de si mesmo, poderia atrair jovens que estão nesse momento de vida conflituoso, atravessado por experiências de infância e anseios de adulto.

Ao manifestar sua surpresa e encanto pela heteronímia, colocando-se também como adolescente, a organizadora afirma: “Sendo adolescente, eu às vezes acho difícil diferenciar as minhas partes e versões. [...] Quem em sã consciência inventa pessoas que estão dentro de uma mesma pessoa, todas com personalidades separadas, apesar de semelhantes em certos aspectos? Pois então, acho que jovens costumam sentir isso” (18). O poeta, aqui, surge como aquele capaz de dar forma a um modo de existência muito próprio ao jovem, a essa condição que não se limita à idade, mas que tem um sentido bem peculiar na adolescência. Prado encontrou Pessoa nesse período, o que a leva a pensar que o mesmo pode acontecer com outros adolescentes. Trata-se de um gesto que extrapola em muito aquilo que parece ser o alcance da crítica literária. Mas é, talvez até mesmo por isso, uma aposta que vale a pena: “fico achando que nós, adolescentes do século 21, nos daríamos muito bem com o poeta” (16).

Como indicado desde o subtítulo, o livro considera que “Fernando Pessoa fala com adolescentes”. Essa fala se dá não pela plena identificação, pela ausência de distância entre leitor e autor, como por vezes parecemos querer na contemporaneidade. A conversa se dá pela abertura, pela diferença que convida ao diálogo. A organizadora indica saber que alguns trechos falarão com os leitores, outros não: “Longe de querer dizer que Fernando Pessoa não falava com adolescentes, porque – eu prometo e você verá – ele falava” (20). É necessário arriscar-se para que possa haver encontro poético.

A organizadora é sensível ao apresentar suas escolhas, sem a pretensão de deter a última palavra sobre os poemas selecionados. Ela agarra para si mesma o conselho dado aos leitores, ou seja, de que leiam várias vezes os poemas, de modo

que se permitam conhecer e gostar mesmo daquilo que não lhes fala diretamente. Como ela foi a leitora que originou *Plural como o universo*, permitiu-se aceitar o próprio gosto na difícil tarefa de selecionar os poemas. Especialistas podem concordar ou discordar de algumas escolhas. O mais importante, a meu ver, é que elas são realizadas com cuidado e são consoantes com o propósito do livro. Quando necessário, há explicações sobre vocabulário ou informações essenciais para a compreensão dos textos. Essas medidas se somam a outras no empenho de compartilhar a leitura. A obra é um gesto de abertura. Isso se evidencia em sua materialidade, como no já mencionado uso de cores e imagens, e principalmente em seus paratextos, como na carta que substitui o habitual prefácio.

É agradável e convidativo o tom da carta de Lara Prado. Quando a adulta se coloca no lugar da adolescente, há ali a mescla interessante de conhecimento e provisoriedade. A organizadora adulta defende suas escolhas sabendo que a adolescente que foi poderia recusá-las todas. E, assim, os conselhos surgem com o tom da experiência acolhedora, que pede para que se dê uma chance ao poeta, que se permita uma nova leitura, que não se criem expectativas e que se busquem poemas diferentes daqueles que já figuram no livro. Desse modo, a carta não é propriamente um prefácio que indica os caminhos trilhados pela adulta na obra de um grande poeta. Ela é um convite de igual para igual, que se abre a um universo de diferenças entre os possíveis jovens leitores, o que inclui a diferença entre a menina que ganhou um livro de seu pai e a mulher que agora se dispõe a compartilhá-lo.

Como bem sabemos, é enorme o impacto da família na formação de leitores. Isso se concretiza no caso de Lara Prado, que mostra o quão fundamental foi seu pai um dia lhe entregar a obra de Pessoa. Num mundo ideal, talvez pudéssemos desejar a difusão de cenas de leitura como essa, em que leitores experientes simplesmente oferecessem aos jovens suas obras de estima, num chamado à leitura que não precisasse de ilustrações ou explicações. Precisariamos apenas da obra, nada mais. Mas, como bem sabemos, não é tão simples a aproximação de um escritor como Pessoa de adolescentes ou leitores de qualquer idade. A mediação é indispensável se os pais não presenteiam seus filhos com livros, se a literatura não desperta interesse em tempo de aceleração, ou se um nome como o de Fernando Pessoa figura no imaginário como distante e difícil. No esforço multifacetado que deve cercar a mediação, o livro *Plural como o universo* desempenha bem o seu papel.

Ao ler os poemas selecionados e encontrar ali alguns velhos conhecidos e outros já esquecidos, é possível mesmo afirmar: Fernando Pessoa fala com adolescentes, ele fala com a jovem que já fui e com a que ainda sou.

**PATRICIA TRINDADE NAKAGOME** é professora adjunta de teoria literária na Universidade de Brasília (UnB). Mestre e doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo. Na graduação e no doutorado, realizou período de pesquisa na Freie Universität Berlin. É uma das líderes do grupo de pesquisa Leitores e Leituras na Contemporaneidade e integrante do Grupo de Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea. Seus principais interesses de pesquisa são os aspectos críticos, teóricos, sensíveis e pedagógicos da leitura literária.

**PATRICIA TRINDADE NAKAGOME** is an Assistant Professor of Literary Theory at the University of Brasília (UnB). She holds a Master's degree and a Ph.D. in Literary Theory and Comparative Literature from the University of São Paulo. During both her undergraduate and doctoral studies, she conducted research at the Freie Universität Berlin. She is one of the coordinators of the research group *Readers and Reading in Contemporary Times* and a member of the *Contemporary Brazilian Literature Studies Group*. Her main research interests include the critical, theoretical, affective, and pedagogical dimensions of literary reading.